

## Troca em ministério eleva incertezas na Argentina

**Nova gestão** Ida de Silvina Batakis para o Ministério da Economia é mal recebida e dólar paralelo dispara

# Kirchnerismo assume economia e incerteza cresce na Argentina

Roberto Lamirinhas  
De São Paulo

A nomeação de Silvina Batakis como ministra da Economia da Argentina, em substituição a Martín Guzmán, que renunciou no sábado, foi considerada um triunfo da ala do governo liderada pela vice-presidente Cristina Kirchner. Batakis defende mais controle estatal sobre a economia. A troca de ministros foi mal recebida e fez o dólar subir cerca de 9% ontem no câmbio paralelo. A escolha amplia as incertezas sobre o país, que vive uma situação econômica difícil.

"O ideal seria que a nova ministra trouxesse maior certeza sobre o cumprimento das metas fiscais e oferecesse estratégias financeiras claras para cumprir com parcelas de dívidas que vencem no curto prazo", disse Nicolás Alonso, economista da consultoria argentina Ferreres & Asociados. "A situação já seria difícil para qualquer ministro, mas o que se dá por certo, no caso dela, é que teremos um ambiente com maior emissão monetária [o que alimenta mais inflação] e maior controle no acesso a

divisas estrangeiras, por meio de medidas como a limitação de exportações", afirmou Alonso.

A Argentina já enfrenta uma das maiores taxas de inflação do mundo. Em maio, os preços subiram 5,1% — 60,7% em 12 meses — e espera-se uma nova aceleração dos preços em junho com a alta nos custos de importação de energia.

"A nova ministra emitiu opiniões bastante críticas às políticas de Guzmán", disse o economista Luis Secco, da Universidade de La Plata e diretor da consultoria LLYC. "O fato de essas posições serem quase idênticas às da vice-presidente não é mera coincidência."

"Temos uma ministra nomeada às pressas para aparentemente atender à ala mais radical, o que indica que a situação difícil que o país enfrenta estamos acrescentando uma boa dose de improvisação", completou Secco. "Ao tomar posse, no começo da noite de ontem, porém, a nova ministra prometeu seguir "as linhas gerais" do plano econômico do governo. "Acreditamos no equilíbrio fiscal, esse é caminho", disse em seu juramento. "Agradeço à vice-presi-

dente [Cristina Kirchner] e aos ministros Daniel Scioli [da Produção] e Wado de Pedro [do Interior] pela confiança e oportunidade."

Segundo fontes ligadas ao governo argentino, Cristina Kirchner iria na noite de ontem até a residência oficial de Olivos para reunir-se a sós com presidente Alberto Fernández pela primeira vez em vários meses. Mas ela não esteve presente à posse de Batakis.

A relação entre Fernández e Cristina está estremeçada desde as primárias peronistas do ano passado para as eleições legislativas de novembro de 2021. Kirchner culpou a equipe econômica de Fernández, liderada por Guzmán, pela perda da maioria no Congresso.

Na visão da ala kirchnerista, Fernández deveria ter rompido com a ortodoxia econômica de Guzmán — relaxando as medidas de contenção fiscal e ampliando os gastos para programas sociais.

O presidente tinha sua gestão econômica focada em negociar o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Clube de Paris e aplicar algumas medidas de austeridade. Em março, a Argenti-



Em sua posse, Batakis afirmou que seguirá "linhas gerais" do plano do governo

na e o FMI fecharam um acordo de renegociação da dívida de US\$ 44 bilhões, em troca do compromisso do governo de cumprir algumas metas de austeridade fiscal.

O mercado argentino também reagiu negativamente à nomeação de Batakis. Nas primeiras horas de pregão o preço do dólar paralelo (blue) subiu 17% em relação ao fechamento de sexta-feira, e chegou a atingir a máxima de 280 pesos, levando o spread com a cotação oficial para 123%. No fim do dia, o dólar paralelo recuou um pouco e fechou cotado a 261 pesos, uma alta de quase 9%.

Com a troca no comando da

economia, a expectativa do mercado é de uma mudança nos rumos das decisões econômicas do país.

Na semana passada, o Banco Central fez modificações na política de acesso ao câmbio para restringir algumas operações em um momento em que o país enfrentava um aumento significativo nas importações e precisava aumentar suas reservas em moedas estrangeiras em razão do acordo com o FMI. O governo restringiu o acesso ao câmbio para operações de bens de luxo, ao mesmo tempo que expandiu o acesso ao dólar para pequenas e médias empresas. (Com agências internacionais)

Uma nova ministra ocupava o cargo de secretária de Províncias do Ministério do Interior. Antes disso, ganhou destaque como secretária de Economia da Província de Buenos Aires, durante o governo de Daniel Scioli, onde liderou uma reforma tributária que aumentou a arrecadação local em US\$ 2,8 bilhões entre 2011 e 2015.

Conhecida como "A Grega", é originária de uma família de políticos peronistas locais da Terra do Fogo, no sul do país. Graduada em Finanças Públicas pela Universidade de La Plata, tem duas pós-graduações em Economia Ambiental pela Universidade de York, no Reino Unido.

Além dos laços com a vice-presidente Cristina Kirchner, Batakis também é considerada integrante do grupo ligado ao ministro do Interior e um dos maiores críticos de Guzmán no governo, Eduardo "Wado" de Pedro. (RL)

## Conheça a heterodoxa nova ministra da Economia

De São Paulo

A nova ministra da Economia da Argentina, Silvina Batakis, de 53 anos, é conhecida por defender uma política econômica de forte expansão dos gastos públicos e de intervenção do Estado, com controle de preços dos itens básicos.

Numa mensagem de 2019 postada em sua conta no Twitter, ela defende que "a pobreza se combate com um Estado que planeja e interveio e com uma sociedade que o imponha como meta social".

Batakis também atribui a inflação à "falta de diversificação da economia" argentina. Numa entrevista de 2018 ao semanário "Perfil", ela diz: "A inflação se combate seriamente se abor damos a diversificação da estrutura produtiva. Na Argentina temos de diversificar a estrutura produtiva."

"Com Martín Guzmán [antecessor de Batakis, que renunciou no sábado], havia uma espécie de garantia de racionalidade na política econômica", reagiu o economista Camilo Tiscornia, da consultoria C&T. "Não vejo como a escolha da nova ministra possa gerar a confiança que precisamos dos investidores."

Batakis também já declarou considerar viável administrar um déficit fiscal de até 5% e quer a instituição de impostos mais efetivos sobre heranças e grandes fortunas, como forma de "fomentar a meritocracia".

Uma nova ministra ocupava o cargo de secretária de Províncias do Ministério do Interior. Antes disso, ganhou destaque como secretária de Economia da Província de Buenos Aires, durante o governo de Daniel Scioli, onde liderou uma reforma tributária que aumentou a arrecadação local em US\$ 2,8 bilhões entre 2011 e 2015.

Conhecida como "A Grega", é originária de uma família de políticos peronistas locais da Terra do Fogo, no sul do país. Graduada em Finanças Públicas pela Universidade de La Plata, tem duas pós-graduações em Economia Ambiental pela Universidade de York, no Reino Unido.

Além dos laços com a vice-presidente Cristina Kirchner, Batakis também é considerada integrante do grupo ligado ao ministro do Interior e um dos maiores críticos de Guzmán no governo, Eduardo "Wado" de Pedro. (RL)

## Potencial de contágio no Brasil é pequeno

Rafael Vazquez e Anaís Fernandes  
De São Paulo

A capacidade de contaminação da desorganização argentina para a economia do Brasil existe, mas é menor nos dias de hoje devido à perda de participação do país vizinho no total das exportações brasileiras ao longo das últimas décadas, segundo destacam economistas ouvidos pelo Valor. Outro fator é que os investidores estrangeiros diferenciam bem as características de cada um, o que evita uma fuga de capitais de outros países sul-americanos.

"A repercussão econômica será enormemente menor por duas razões. Primeiro porque a participa-

ção das exportações brasileiras para a Argentina caiu muito ao longo do tempo, não apenas pelos problemas da Argentina, mas também pelo crescimento do comércio do Brasil com outros países, particularmente com a China", comenta o pesquisador associado do FGV-Ibre Fabio Giambiagi.

"O segundo ponto é que, no fim dos anos 90, quando tivemos as nossas crises, um país contaminava o outro. Hoje, porém, esse efeito é bem menor pela percepção dos investidores estrangeiros de que cada caso é um caso", afirma Giambiagi.

O economista do Itaú Unibanco na Argentina, Juan Barbosa, também destaca o distanciamen-

to da economia de seu país e da importância menor inclusive para o Brasil. "Obviamente há uma relação de comércio que não é pequena, mas o Brasil hoje representa muito mais para Argentina do que o contrário", acrescentou.

Para o professor de economia da Universidade de Campinas Marco Rocha, a chance do Brasil ser macroeconomicamente afetado é pequena, mas o setor automotivo está mais exposto devido ao nível de integração com o mercado vizinho.

Nessa área, José Augusto de Castro, presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), aponta que medidas já tomadas pelo Banco Central argen-

tino para conter a fuga de dólares do país, como restrições do acesso de empresas ao mercado de câmbio, já atrapalham parte da indústria brasileira.

"Em 2021, o comércio do Brasil com a Argentina superou as exportações de 2019. Para 2022, estamos projetando um crescimento um pouco acima de 2021. É um comércio forte", diz Castro, lembrando que o vizinho é importante destino dos produtos manufaturados brasileiros. "Esses números serão afetados pelas recentes medidas."

O professor da Unicamp, contudo, acredita que a nova ministra da Economia argentina, Silvina Batakis, deve ser pragmática e não terá espaço para radicalizar o controle

de importações. "O cenário na Argentina é um tanto complexo para tomar medidas que restrinjam muito mais o comércio."

Já Livio Ribeiro, sócio da consultoria BRGC, não descarta a chance de que a nova ministra se precipite sob a influência do grupo da vice-presidente argentina Cristina Kirchner, que forçou a mudança no ministério. "Não sabemos se terá autonomia ou se será pato manco. A Argentina adora abrir caixas de pandora, embora não possamos falar muito porque no Brasil estão fazendo o mesmo", ponderou. "Com um grupo com uma visão muito particular de mundo, tudo pode acontecer, mas acho que ainda não chegou nesse momento".

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Internacional Caderno: A Pagina: 13